

VINCULUM



Morgadio do Caniço.

Álvaro de Ornelas e Constança de Mendonça, Ilha da Madeira, 1499.

A Ilha da Madeira “foi uma das terras portuguesas onde em maior número existiram e se desenvolveram os vínculos” (NASCIMENTO, 1935), enraizando-se este fenómeno na vida insular desde o último quartel do século XV. Até então, a navegação cada vez mais frequente pelas águas ao largo da costa atlântica conferia novo protagonismo às ilhas, tidas como “cruciais para o sucesso da navegação oceânica e para a afirmação de Portugal como uma potência” (COSTA (coord.), 2014, pp. 41-42). Com interesse para a Coroa e para os seus súbditos, este contexto veio também dar resposta à reconfiguração social vivida no seio da nobreza, desalentada pela inexistência de um palco de afirmação pela via militar no espaço peninsular. Neste sentido, as sesmarias foram a modalidade encontrada para dotar os primeiros colonizadores de propriedades agrícolas, sendo destas que viriam a sair, pouco depois, os primeiros vínculos das ilhas atlânticas, fundados quer por “*pessoas fidalgas pelo sangue*”, quer por “*mecânicos e rústicos*” (NASCIMENTO, 1935).

Foi assim que Álvaro de Ornelas, *o Grande*, primeiro deste nome e chefe do ramo familiar, passou à Madeira. Da Casa do Infante D. Henrique, com quem explorou e combateu na costa africana (BARROS; COUTO, 1778, p. 86), tornou-se num dos primeiros povoadores da Ilha da Madeira, tendo recebido de sesmaria um vasto território que se estendia desde o “*ribeiro do Garajau à ribeira do Porto Novo, do mar à serra*” (*As saudades da Terra...*, 1873, p. 528). Foram, aliás, as suas incursões pela costa africana e demais ilhas atlânticas que o levaram a colocar nas suas novas armas as sereias postas em banda que, entre outros elementos, as distinguiram das armas primitivas dos Ornelas, e que o rei D. Manuel confirmaria ao seu filho primogénito (FREIRE, 1921, p. 382; FERREIRA, 1998, p. 15). Procedente da Torre de Dornelas e da quinta do Outeiro em São Salvador de Entre Homem e Cávado (hoje, concelho de Amares), a família de Álvaro de Ornelas, *o Grande*,

já referida no *Livro Velho de Linhagens*, teve uma notória proximidade à dinastia de Avis (SILVA, 2007, p.340), condição que, aliás, se perpetuou no ramo Ornelas Vasconcelos, da Madeira.

Aos 31 dias de agosto de 1499, Álvaro de Ornelas Saavedra – filho de Álvaro de Ornelas, o *Grande* e Elvira Fernandes Saavedra – e sua primeira mulher, D. Constança de Mendonça Vasconcelos, instituíram por testamento de mão comum o morgadio do Caniço, constituindo-se como sua cabeça a quinta homónima onde viviam. Este vínculo manter-se-ia na descendência de ambos até ao século XX, ao longo de 14 gerações ininterruptas, cuja evolução permite-nos acompanhar a história política, económica e social da Ilha, constituindo-se também como o reflexo da estratégia expansionista e colonizadora portuguesa no Atlântico Norte.

Assim, o casal vinculava a sua terça para fazer perpetuar a sua família, imputando aos futuros administradores o cumprimento de um conjunto de regras e de obrigações, próximas de um código de conduta, bem como dos legados pios pelas suas almas. Desde logo, ao legar a sucessão pela primogenitura, por *“linha direita e masculina”*, recaindo esta sobre a descendência do seu herdeiro, Mem de Ornelas de Vasconcelos. Note-se também o peso do aspeto moral para as administrações vindouras: a obrigatoriedade de incidir sobre filhos havidos *“de legítimo matrimónio”*, a exclusão dos que cometessem *“traçam hou [...] crime”*, que se supõe ser de lesa-majestade. Mesmo a capacidade física e mental seria tida em conta para a perpetuidade do instituto vincular, pois excluía-se da sucessão qualquer *“prodigo hou desfalecido em alguma parte que não seja para governar ho dito morgado”*, ou mesmo se fosse carecido de *“sizo hou aleijado de membro que tolha de poder husar de condiçam e de defesa”*. Não havendo herdeiros familiares diretos, os instituidores declaravam veementemente que nenhuma outra família poderia possuir a dita fazenda, e nesse caso a administração do vínculo deveria ser entregue, na íntegra, ao Hospital de Santa Maria do Calhau, sendo uma parte dos rendimentos destinada ao conforto dos pobres que aí estivessem. De resto, consentiam numa única exceção, permitindo *“empenhar o dito morgado”* até ao limite máximo da renda de seis anos para resgatar *“ho pesoydor do dito morgado [se] fôr por serviço de Deus hou do Rei cativo de enfieis”* (ANTT, *Coleção Morgados e Capelas*, Série Registos Vinculares, Subsérie Funchal, proc. 9, fl. 3v).

Do segundo casamento, Álvaro de Ornelas instituiu juntamente com D. Branca Fernandes, a 17 de fevereiro de 1517, a capela de Santo António na recém-construída Sé do Funchal, cuja administração se perpetuaria na descendência dos Ornelas Abreu, sendo distinto do morgadio do Caniço.

Durante mais de quatro séculos, o vínculo do Caniço permaneceu como um dos mais influentes da Ilha, em constante ampliação. Em 1591, o 4º morgado, Aires de Ornelas de Vasconcelos, e a sua mulher, construíram e vincularam a capela de Nossa Senhora da Consolação, na quinta do Caniço, hoje património classificado da Região (FERREIRA, 1998, p. 16); mais tarde, o 6º morgado, o capitão Aires de Ornelas de Vasconcelos, combatente nas Guerras da Restauração, construiria no Funchal, em meados do século XVII, o Palácio da Rua do Bispo, também anexado ao Caniço. Note-se que este alargamento do leque patrimonial resultou também de uma política de alianças matrimoniais potencialmente fortalecedoras do estatuto social e económico da família. Foi por esta via que o 8º morgado, Aires de Ornelas Vasconcelos, associou à Casa outros vínculos com propriedades situadas no Porto Moniz e na Calheta (FERREIRA, 1998, pp. 17-19), recebendo ainda por herança o morgadio do Vale da Bica, instituído por João Esmeraldo, “o Velho”. Já em meados de Oitocentos, assistimos à reivindicação por grau de parentesco dos bens do morgadio dos Teive por Agostinho de Ornelas de Vasconcelos, procedendo inclusive ao seu registo vincular, ainda que sem chegar a possuí-lo efetivamente (*ibidem*, p. 19; p. 80). A concentração de vínculos na família chegou a ser de tal forma notória que, em meados de Oitocentos, os Ornelas Vasconcelos administravam 22 vínculos (NASCIMENTO, 1935, p. 67).

O património multissecular do Caniço permaneceu intacto mesmo após a Lei de 19 de Maio de 1863, que veio a determinar a extinção definitiva dos morgadios e capelas. Dois meses antes, Agostinho de Ornelas de Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura, 14º e último morgado do Caniço, diplomata e célebre tradutor de Goethe, anexou e fundiu num único vínculo sob a mesma invocação todas as propriedades pertencentes à família (ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA, *Governo Civil*, Livro 986, fl. 11 e segs.). Assim o transmitiu ao seu filho, Aires de Ornelas de Vasconcelos, companheiro de Mouzinho de Albuquerque nas Campanhas de África, e, depois, Ministro da Marinha e do Ultramar de D. Carlos, que manteve todo o património familiar uno e indivisível. Em 1927, mandou erguer na ponta do Garajau, um promontório à beira-mar no limite oeste do morgadio

fundado por Álvaro de Ornelas quatrocentos anos antes, o Cristo-Rei do Caniço, porta de entrada da Ilha, fazendo assim perpetuar, em plena I República, um testemunho da sua vida e do legado dos seus Maiores.

Joana Soares, Maria Beatriz Merêncio, Abel Rodrigues (com a colaboração de Filipe dos Santos, Director de Serviços do Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira)

Em colaboração com Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira / Centro de Estudos de História do Atlântico – Alberto Vieira

Coordenação: Rita Sampaio da Nóvoa

BIBLIOGRAFIA

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – *Colecção Morgados e Capelas*, Série Registos Vinculares, Subsérie Funchal, processo 9, fol. 2-4v – *Testamento de Álvaro de Ornelas e Constança de Mendonça*.

ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO – *Casa Real. Livro do Armeiro-Mor*. Casa Real, fol. CIX – [Armas de] Ornelas, chefe. Disponível em < <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4162406> > [consult. 30 Jun 2021].

ARQUIVO REGIONAL DA MADEIRA - *Governo Civil*, Livro 986, fl. 11 e segs. - *Instrumento de anexação de vínculo* [feito por Agostinho de Ornelas de Vasconcelos Esmeraldo Rolim de Moura, 14º e último morgado do Caniço].

Aires de Ornelas. Colectânea das suas principais obras militares e coloniais, vol. I, [s.l.] Divisão de Publicações e Biblioteca, Agência Geral das Colónias, 1934, p. 11-23.

As saudades da Terra, pelo Doutor Gaspar Fructuoso. História das Ilhas do Porto-Sancto, Madeira, Desertas e Selvagens. Manuscrito do Século XVI anotado por Álvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, Typ. Funchalense, 1873, p. 528.

BARROS, João de; COUTO, Diogo do, “Década I, Livro 1, Cap. 11”, in *Da Asia de João de Barros e de Diogo do Couto: nova edição oferecida a Sua Magestade D. Maria I, Rainha Fidelissima*, Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno MDCCLXXVIII (1778), pp. 83-98 (Década I, Livro 1, Cap. 11). Disponível em: https://purl.pt/7030/4/l-79443-p/l-79443-p_item4/l-79443-p_PDF/l-

[79443-p_PDF_24-C-R0150/I-79443-p_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf](#) [consult. 2 julho 2021].

COSTA, João Paulo Oliveira e (coord.); RODRIGUES, José Damião; OLIVEIRA, Pedro Aires, *História da Expansão e do Império Português*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2014.

Das Artes e da História da Madeira. Revista de cultura da Sociedade de concertos da Madeira.
Dir: Luis Peter Clode. Red.: José Ezequiel F. Veloza. N.º 40, 1970.

FERREIRA, Maria Fátima Araújo de Barros Ferreira, «Arquivo da Família Ornelas Vasconcelos: instrumentos descritivos», in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. XXI, Funchal, 1998.

FREIRE, Anselmo Braancamp, *Brasões da Sala de Sintra* (2ª ed.), 1ª vol., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1921, pp. 381-382. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/brasões_da_sala_de_sintra_livro_primeiro [consult. 2 julho 2021].

NASCIMENTO, João Cabral do, “Capelas e morgados da Madeira”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, vol. IV, 1935, p. 65-72.

Obras de D. Ayres d’Ornellas de Vasconcellos, Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, precedidas de uma notícia biográfica, Porto, Ernesto Chardron, Editor, 1882, p. 7-39.

RODRIGUES, José Damião, “Nobrezas locais e apropriação do espaço: a vinculação em São Miguel no reinado de D. Manuel”, in *III Congresso Histórico de Guimarães: D. Manuel e a sua época*, 3ª secção – População, Sociedade e Economia, Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2001, p. 435-449

ROSA, Maria de Lurdes, *O Morgadio em Portugal, sécs. XIV-XV, Modelos e práticas de comportamento linhagístico*, Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p. 57, nt. 63; p. 120; p. 237, nt.5.

SILVA, Fernando Augusto da; Meneses, Carlos Azevedo – *Elucidário Madeirense*, vol. III, Funchal: DRAC, 1998, p. 21.

SILVA, José Custódio Vieira da, “Mosteiro de Santa Maria da Vitória. A fundação, o programa, os arquitetos, as fontes de influência”, *Revista de História da Arte*, n. 4, 2007, p. 335-353.
Disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/12593/1/ART_16_Varia_1.pdf [consult. 2 julho 2021].

“Testamentos. Álvaro de Ornelas e sua mulher Branca Fernandes (1517)”, in *Arquivo Histórico da Madeira*, dir. de João Cabral do Nascimento, vol. V, Funchal, 1937, p. 142-148.